

**Repensando o Ensino de Língua Materna e Línguas Estrangeiras: Uma Proposta
de Atividade a Partir de *Fanfictions***

**Rethinking the Teaching of Mother Language and Foreign Languages: Activity Proposal
based on Fanfictions**

Thayane Silva Campos¹

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo: Sabemos que no ensino regular no Brasil a maioria dos jovens não tem interesse pelas atividades de leitura e de escrita propostas pelas escolas. Em contrapartida, fora da sala de aula, percebemos um engajamento por parte de muitos adolescentes que se dedicam à leitura e à escrita das chamadas *fanfictions*. Este trabalho tem como objetivo apresentar brevemente o universo das *fanfictions* e mostrar como os monitores de língua inglesa de um instituto federal de Minas Gerais participaram da elaboração de um *Workshop* desenvolvido para os alunos da escola, sob orientação da professora pesquisadora e da professora orientadora. O intuito da realização dessa atividade foi mostrar de que forma os jovens se engajam nessa tarefa, colocando em prática o conceito de agência e atuam em uma comunidade de prática. Para isso, apresentamos o que é uma *fanfiction* e discutimos questões relacionadas ao ensino, propondo tarefas que envolvam leitura e produção escrita/oral/visual, por meio de um novo formato de avaliação. O resultado nos mostra que ao realizar uma tarefa que está relacionada a um tema de interesse dos discentes é possível perceber um grande engajamento por parte deles, proporcionando uma tomada de iniciativa perante as atividades e uma maior autonomia.

Palavras-chave: *Fanfiction*; Agência; Leitura; Escrita

Abstract: It is known that most young people have no interest in the reading and writing activities offered by regular schools in Brazil. On the other hand, outside of the classroom, an engagement is seen from many teenagers who are dedicated to reading and writing fanfiction. This paper aims to present, briefly, the universe of fanfictions, and to showcase how the English-speaking tutors of a federal institute of Minas Gerais participated in the preparation of a workshop developed for students, under the guidance of the researcher and the mentor professor. The purpose of this activity was to show how young people are engaged in this task, putting into practice the concept of agency and working in a practical community manner. Therefore, we present the concept of fanfiction and discuss issues related to education, proposing tasks which involve reading and writing/oral/visual productions, which are evaluated through a new format. The result shows that, when performing a task which is related to a student's topic of interest, it is possible to see a big commitment from their part, an increase in their initiative towards the activities, as well as a higher level of autonomy.

Keywords: Fanfiction; Agency; Reading; Writing.

Submetido em 27 de abril de 2016.

Aprovado em 02 de setembro de 2016.

¹ Mestranda pelo Programa de Estudos Linguísticos da UFMG (POSLIN), na área de Linguística Aplicada, na linha de pesquisa de Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Bolsista Capes. Licenciada em língua espanhola pela mesma universidade. E-mail: thayane_campos@yahoo.com.br.

Introdução

A partir da inserção da Internet em nossas vidas, é possível perceber algumas mudanças que a sociedade vem sofrendo com a era digital, influenciando a forma como nos comunicamos e fazemos uso da informação. Duboc (2014, p. 23) problematiza tais mudanças a partir de uma diferenciação entre sociedade tipográfica (moderna) e sociedade pós-tipográfica (pós-moderna). Na primeira, “o sujeito produzia conhecimento de forma centralizada, concentrada, individual, privada e ainda baseando-se em normas pré-estabelecidas”. Já na segunda, na qual, atualmente, estamos inseridos, em que o sujeito “distribui e compartilha saberes dentro de uma lógica muito mais colaborativa e pública, partindo da experiência na ausência de modelos padronizados e previamente estabelecidos” (2014, p. 23).

Na lógica pós-moderna, podemos destacar o Facebook, o Twitter e as Wikis, como elementos que, entre outras características, possuem essas funções, já que atuam como ferramentas para a disseminação de informações, ganhando, muitas das vezes, uma visibilidade inimaginável, ao alcançar pessoas do mundo todo. Neste artigo, destacamos um gênero discursivo que, apesar de ter surgido muito antes da era digital, também segue a lógica pós-moderna: são as chamadas *fanfictions*, definidas por Azzari e Custódio (2013, p. 74) como “gênero textual que engloba a escrita, a metalinguagem e o pertencimento de uma base de fãs em meios eletrônicos”.

Esse gênero, que também é conhecido como *fanfic*², exige do *fandom* (fã) uma leitura atenta da obra original para que seja possível retratar com verossimilhança aspectos característicos dos personagens. Além disso, Azzari e Custódio (2013, p. 76) destacam que, para produzir as *fanfictions*, os autores exercem a metalinguística, “porque [...] começam a pensar sobre como escrevem, sobre seu domínio da língua, especialmente a partir de comentários recebidos por cada capítulo publicado e que vão moldando seu texto”.

É importante reconhecer que os leitores, ou seja, quem forma o público consumidor das *fanfics*, são em grande parte adolescentes. Segundo Alves (2014a, p. 81), “a prática de poder ler e compartilhar as minúcias de um livro, através da *fanfiction*, e perceber que outras pessoas complementam as lacunas do texto com seus comentários, auxiliando na construção da escrita através da interação com outro fã, é recorrente entre [esse público]”.

² Neste trabalho utilizaremos os dois nomes: *fanfiction* e *fanfic*, uma vez que são palavras sinônimas.

Quando se trata das *fanfics*, fica claro que há o engajamento de diversos jovens, que se sentem motivados a ler e, inclusive, a escrever. Podemos comprovar essa afirmação ao ler os diversos relatos que se encontram em Jenkins (2009), e um deles nos surpreende de uma forma particular, por se tratar de uma adolescente que, aos 13 anos, criou o jornal intitulado *The Daily Prophet*³, que se dedica a publicar na web textos de pessoas do mundo inteiro sobre uma *Hogwarts*⁴ fictícia. Atualmente, ela coordena uma equipe de mais de 102 jovens espalhados pelo mundo. Apesar desse quadro animador, no entanto, como também nos mostra Alves (2014b, p. 44), “ainda nos ambientes escolares é recorrente a queixa que os jovens não leem nem escrevem nem se interessam pelas leituras e escritas mais tradicionais”. Se essa é a realidade com que nos deparamos dentro da escola, é possível que nos perguntemos o porquê de, fora desse ambiente, encontrarmos um outro universo.

Como nos mostra as Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEM) (2006, p. 54), no capítulo dedicado ao ensino de Literatura, “não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido [...]”. Dessa forma, o que vimos acontecer com o trabalho literário nas escolas regulares é que em vez de uma leitura prazerosa, os estudantes são levados a se dedicar a uma análise literária. Sendo assim, acreditamos que, ao proporcionar aos alunos uma atividade que aguce a vontade deles para ler e escrever, permitimos que eles se sintam mais engajados na leitura e na escrita dentro da escola, podendo contribuir, inclusive, para que tenham gosto pela leitura dos cânones.

Sobre essa última questão, Cassany e Allué (2012, p.5-6) sugerem um trabalho diferenciado a partir desses cânones, trazendo-os para a era digital, a partir de criações que envolvem o uso de redes sociais e a elaboração de histórias e relações fictícias, como nas *fanfics*:

Podemos incentivar os alunos a abrir um perfil no Facebook para Calixto, Melibea e Celestina, depois de ler a obra, imaginando que amigos teriam, que atualizações publicariam nos seus murais, que música escutariam ou que vídeo vinculariam no seu perfil. Também podemos abrir uma conta no Twitter para o Cid Campeador ou para Jorge Manrique, depois de ler suas obras, e imaginar que twitters, retwitters e hashtags usariam.⁵

³ www.dprophet.com

⁴ Escola de Magia e Bruxaria da série Harry Potter.

⁵ Tradução nossa. Trecho original: Podríamos animar los alumnos a abrir un perfil de Facebook para Calixto, Melibea y Celestina, después de leer la obra, imaginando qué amigos tendrían, qué actualizaciones colgarían en sus muros, qué música escucharían o qué vídeos vincularían con su perfil. También podríamos abrir una cuenta en Twitter para el Cid Campeador o para Jorge Manrique, después

Com base nessas questões, este artigo tem como objetivo apresentar brevemente o universo das *fanfictions* e mostrar como a professora pesquisadora, por intermédio da professora orientadora da disciplina de língua inglesa, percebeu o engajamento dos alunos monitores na tarefa proposta. Como atividade, eles deveriam elaborar um *Workshop* sobre *fanfics*, que teria como público-alvo alunos do ensino médio de um instituto federal de Minas Gerais. Neste artigo, nos dedicamos apenas a relatar o trabalho realizado pelos monitores da disciplina; no entanto, esperamos que em uma próxima escrita seja possível descrever a repercussão que essa atividade obteve, atentando para o público participante.

Para este texto, tomamos como base o conceito de agência, proposto por Monte Mór (2013, p. 10): “uma nova maneira de o indivíduo agir, sendo identificada, à medida que toma iniciativa, havendo, assim, auto-produção de conhecimento que expressa efeitos de desprendimento e emancipação”. A partir dele, mostramos de que forma os resultados obtidos na aplicação da atividade contribuíram para o engajamento dos estudantes nas atividades escolares propostas.

1. O que são as *fanfictions*?

Fanatic fiction, *fanfiction* ou ainda na sua forma abreviada *fanfic* significa ficção criada por fãs. Padrão (2007, p. 7) descreve as *fanfictions* como um “*hobby* literário cujo objetivo é escrever histórias baseadas em universos ficcionais – personagens, cenários e acontecimentos – criados por terceiros”. Segundo a autora, “[...] o desejo de saber mais daqueles personagens é tão grande que seus produtos culturais oficiais, lançados pela indústria, não conseguem dar conta desse desejo. Aí entra a vontade de escrever e, ao mesmo tempo, trazer sua própria visão para aquele universo” (PADRÃO, 2007, p. 1).

Dessa forma, a partir de diversas comunidades online, leitores e escritores se reúnem para ler, escrever, revisar e discutir sobre essas criações. Para Jenkins (2010, p. 11-12)

este grupo [das comunidades] abarca não apenas um único texto ou um único gênero, mas também numerosos textos – séries dramáticas estadunidenses e britânicas, filmes de Hollywood, histórias em quadrinho, filmes e séries de animação japoneses, literatura popular (em especial ciência-ficção, fantasia e mistério) – e, ao

de leer sus obras, e imaginar qué tuits, retuits y hagstags usarían (p. 56).

mesmo tempo, estabelece limites, que, em geral, excluem outros tipos de textos (em especial, as novelas e, geralmente, o romance comercial).⁶

Todos esses numerosos gêneros citados por Jenkins (2010) podem ser encontrados em sites elaborados unicamente para esse fim. Também é possível perceber que a interação entre os integrantes dessas comunidades acontece com a participação em outros meios, tais como grupos no Facebook, Twitter, Tumblr, etc. Dessa forma, os participantes aproveitam esse ambiente do ciberespaço para manter a comunicação com pessoas de diversas partes do mundo, possibilitando o surgimento, inclusive, de amizades sólidas, como foi relatado por um dos monitores.

Além de considerar esse ciberespaço em que se encontram as *fanfics*, é preciso entender que aqueles que estão inseridos nesse meio fazem parte de uma comunidade que envolve uma linguagem particular, com códigos e regras específicas:

Com um vocabulário predominantemente em língua inglesa, os autores sinalizam para o conteúdo da estória com termos como *slash* (para determinar que há pares homossexuais), *fluff* (estórias “água com açúcar”, leves e livres de conflito), *lemons* (para alertar quanto à presença de descrição de ato sexual, geralmente feita de forma altamente gráfica), *crossover* (quando há cruzamento de duas ou mais estórias, filmes etc. no enredo), entre outros. Há também, um código estabelecido para determinar o público recomendado para a leitura da estória, geralmente indicado pelos autores, por letras (K, K+, T, M, MA7).

É preciso ressaltar, também, que as *fanfictions* não surgiram com o advento da Internet. Muito antes do acesso à rede e a essas comunidades, os fãs podiam se dedicar à leitura e à escrita dos *fanzines*, que para Azzari e Custódio (2013, p. 74) são “revistas/magazines criados por fãs, inicialmente distribuídos entre as comunidades particulares a que os fãs pertenciam”. No entanto, o acesso à Internet permitiu uma difusão maior desse tipo de comunidade, facilitando a comunicação, a troca de informações e a própria participação dos usuários. No Brasil, de acordo com Vargas (2015, p. 13), as *fanfics* tornaram-se visíveis somente após o lançamento, em 2000, do primeiro livro da série Harry Potter, escrito por J. K. Rowling, já que “raros são os

⁶ Tradução nossa. Trecho original: este grupo [de las comunidades] abarca no sólo un único texto o un único género, sino numerosos textos – series dramáticas estadounidenses y británicas, películas de Hollywood, cómics, películas y series de animación japonesas, literatura popular (en especial ciencia ficción, fantasía y misterio) – y, al mismo tiempo, establece los límites, que por lo general excluyen otros tipos de textos (en especial, las telenovelas y, en general, la novela romántica comercial (p. 11-12)

⁷ Legenda – K: conteúdo livre de linguagens grosseiras e temas adultos; K+: conteúdo com um menor grau de violência, linguagens grosseiras e temas adultos, recomendado para maiores de 9 anos; T: não recomendado para menores de 13 anos, por conter cenas de violência, linguagem grosseira e temas adultos; M ou MA: não recomendado para menos de 16 anos, por conter detalhadamente cenas de violência, linguagem grosseira e temas adultos.

websites de *fanfiction* encontrados em português brasileiro que sejam anteriores a esse período”.

Dessa forma, a tarefa delegada aos monitores da disciplina de língua inglesa foi elaborar uma atividade, para os demais alunos do instituto, que tivesse como tema as *fanfictions*. Como insumo (*input*) para a realização da tarefa, eles tiveram contato com um material produzido pela professora pesquisadora, em que havia uma apresentação sobre o que eram as *fanfics* e se trabalhava os tipos existentes. A partir disso, ficou a cargo deles planejar toda a atividade, bem como o material que seria apresentado.

Antes de descrevermos a atividade realizada por esses estudantes, a próxima seção se dedica a apresentar alguns conceitos importantes para analisar o trabalho desenvolvido.

2. Fundamental é preciso

Se observarmos os estudos atuais, que se dedicam a discutir temas sobre o ensino de línguas e os novos letramentos, damos conta de que ainda prevalece em algumas escolas regulares o modelo de sociedade tipográfica, com todo o conteúdo centrado no professor, que deve ensinar aos alunos o que sabe e estes, por sua vez, devem absorver esse conteúdo. Dessa forma, segundo Takaki e Santana (2014, p. 62), nessa prática escolar tradicional há “a verticalização de saberes e ensino, pois somente os legitimados a ensinar é que o fazem”. No entanto, as autoras ressaltam que com o avanço da tecnologia as mudanças na escola são inevitáveis, já que “novas formas de socialização levam os aprendizes e professores a ressignificar conhecimentos, projetos e pesquisas com outros aprendizes e professores em **espaços de afinidade**” (2014, p. 56, grifo das autoras).

Esses espaços de afinidade também nos fazem perceber que a palavra comunidade ganha um novo significado, já que antes “as comunidades formavam-se com base em um local determinado” (PALLOFF; PRATT, 1999, p. 45). Hoje, entretanto, “as comunidades formam-se ao redor de questões de identidade e de valores comuns, não dependendo de um lugar”, de acordo com Palloff (*apud* Palloff; Pratt, 1999, p. 50) e o ciberespaço aumenta mais ainda essa possibilidade. Sendo assim, podemos concluir que, dentro da própria escola, que também é uma comunidade, estão professores e alunos participando de comunidades virtuais.

A partir das relações no ciberespaço e na ressignificação do que é uma comunidade, é possível pensar na importância que as comunidades de prática (CoP)

vêm ganhando no âmbito extra-escolar. Para Wenger (2007, p. 1), o primeiro a usar o termo, uma CoP é constituída por um “grupo de pessoas que compartilham de um mesmo interesse ou paixão, interagindo e aprendendo regularmente umas com as outras”⁸. E ainda, segundo ALMEIDA e ULBRICHT (2015):

Uma Comunidade de Prática se constitui como um espaço de produção de conhecimento e aquisição de habilidades que deve ser envolvido por um interesse maior, no entanto recíproco, de motivar a comunidade a se transformar e legitimar a participação de todos os agentes. O foco, portanto, deixa de estar em obter conhecimentos e habilidades e está em fazê-los circular. (página pré-textual não numerada).

Dessa forma, se pensarmos em nossa participação em comunidades virtuais, tais como grupos no Facebook, fóruns de discussão, dentre outras, percebemos como podemos estar inseridos em uma CoP sem mesmo nos darmos conta disso.

Uma das comunidades que podemos classificar como CoP são as dedicadas à leitura e à produção das *fanfictions*. Essas produções cumprem o papel de preencher as lacunas deixadas pelos autores das obras originais ou dar continuidade a uma história que, teoricamente, já foi finalizada, mesmo não sendo esta uma regra, já que existem também *fanfics* de artistas como Justin Bieber e Demi Lovato, o que permite a criação de histórias que os envolvam.

As comunidades de *fanfictions* criam relações que permitem que os participantes leiam, critiquem e comentem as produções uns dos outros. Sendo assim, os mais experientes acabam ensinando aos novatos algumas técnicas e regras de escrita que permitem o seu desenvolvimento, contribuindo para que, no futuro, eles possam inverter os papéis e tornarem-se aqueles que ensinam aos iniciantes.

Para Wenger (1998), além desse processo de troca de saberes, para que haja uma CoP é preciso que os participantes se organizem de acordo com as atividades que precisam realizar; de forma não homogeneia, uma vez que discordâncias são vistas como algo positivo. Além disso, desavenças, desafios e concorrência podem ser formas de participação que contribuem para um aprendizado a partir das diferenças e divergências de opinião. A participação passiva pode ser sinônimo de um compromisso não tão grande por parte do sujeito. Dessa maneira, considerando a forma como as comunidades de *fanfictions*, geralmente, são conduzidas, todos esses processos podem ser observados.

⁸ Tradução nossa. Trecho original: groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly (p. 1)

Um outro conceito importante, que se enquadra na sociedade pós-tipográfica e pode ser relacionado à comunidade de prática e ao trabalho desenvolvido pelas *fanfictions*, é o de agência. Segundo Monte Mór (2014, p. 242, grifos da autora), os estudos de letramento consideram que, para a formação escolar do sujeito, faz-se necessário um trabalho que valorize o aluno como sujeito-cidadão, que interage, intervém, ou seja, que se apodera daquele saber que é adquirido na escola para agir no e sobre o mundo. A autora também ressalta que se “observam formas alternativas e diferentes de construção de conhecimento e também o fato de que a educação pode estar em qualquer e/ou todo lugar, o que é identificado como 'aprendizagem ubíqua’”. Dessa maneira, o trabalho com as *fanfics* pode contribuir para que ocorra essa construção do conhecimento, colaborando, inclusive, para o empoderamento do aluno, já que permite não apenas produzir conhecimento, mas também compartilhar o que sabe e o que aprende.

Na próxima seção nos dedicamos a apresentar o nosso grupo de trabalho, para, posteriormente, mostrar o que foi desenvolvido pelos monitores, analisando de que forma eles se engajaram na tarefa delegada e se esse empenho realmente contribuiu para a agência dos estudantes, a partir do conceito apresentado por Monte Mór (2013; 2014).

3. O grupo de trabalho

Para realizar essa pesquisa contamos com o trabalho da professora pesquisadora e autora deste artigo, mestranda em Linguística Aplicada ao Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira, que apesar de não ter como foco o trabalho com as *fanfics* em sua pesquisa de mestrado, sente um enorme prazer de estar em contato com a chamada literatura de massa e se interessa pela forma como os jovens lidam e incorporam esse mundo fictício em suas vidas.

A professora orientadora leciona inglês no instituto desde julho de 2014 e é mestranda em Linguística Aplicada, Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Sua área específica de pesquisa é Letramento Acadêmico. Há algum tempo havia lido um livro de *fanfics* sem se dar conta do que era. Agora com o projeto, começou a conhecer mais sobre esse mundo, e, inclusive, já se tornou fã e pretende começar a escrever seus próprios textos muito em breve.

A monitora Lana⁹, 16 anos, leitora e beta-leitora, ou seja, corretora de *fanfics*,

⁹ Os nomes dos monitores são fictícios e foram escolhidos por eles.

que desde 2012 entrou para a comunidade “fanfiqueira”¹⁰, de acordo com relato abaixo

Eu entrei no mundo das fanfics por conta de uma indicação de uma amiga minha em 2012. Comecei somente lendo algumas histórias que me foram indicadas, logo depois conheci outras autoras e respectivamente suas histórias, a partir disso comecei a corrigir fanfics, fazer capas, poemas e indicações de músicas para capítulos. (excerto 1)

A monitora Ray, 16 anos, leitora, desde os 12 anos de livros como *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, *As Crônicas de Nárnia*, de Clive Staples Lewis, além da coleção *Harry Potter*. Já foi leitora de *fanfics* e utilizava o Twitter e o Tumblr para buscar histórias. Atualmente não acompanha de perto nenhuma comunidade de *fanfictions*, mas tem um bom conhecimento sobre esse universo.

O monitor Pedro, 16 anos, leitor de romances do século XVIII-XIX, que começou a ler *fanfictions* a partir do trabalho proposto pela professora pesquisadora. Apesar de não fazer parte dessa comunidade, ao longo de todo o processo, sempre se mostrou interessado em aprender mais sobre esse universo e, segundo o que diz,

apesar de não ser um fã de fanfics, reconheço o potencial didático deste material. A partir da criação/edição de fanfics, o estudante de língua inglesa pode desenvolver suas habilidades de leitura e escrita em inglês, enquanto produz um texto de seu agrado. (excerto 2)

4. O trabalho didático com as *fanfictions*

4.1. Direitos autorais

Como professora pesquisadora e em acordo com a professora orientadora, um dos tópicos que sinalizamos para os monitores como de grande importância para o trabalho com as *fanfics* foi sobre os direitos autorais. Isso por dois motivos: 1) essas questões são pouco trabalhadas na escola, quando são trabalhadas. A cópia de um material elaborado por outra pessoa e sem as devidas referências é interpretado como plágio, mas, geralmente, os alunos acabam percebendo isso somente quando chegam à faculdade (se chegam) e precisam lidar com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e com as regras de direitos autorais; 2) discute-se bastante sobre a aplicabilidade dos direitos autorais nas produções de *fanfictions*. Dessa forma, levar esse trabalho para a sala de aula permite que haja uma reflexão por parte dos

¹⁰ Termo comum utilizado no Brasil para se referir a uma pessoa que sempre está em contato com *fanfics*.

alunos com relação a essas questões, possibilitando que eles entendam a importância de fazer referências e discutam se essas produções podem ser entendidas como plágios ou não, permitindo, inclusive, que atuem “de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social” (BRASIL, 2006, p. 18), como nos apontam as OCEM. Além disso, esse é um tema que deve fazer parte de todas as disciplinas ofertadas pela escola, já que se trata de uma prática comum ao universo escolar e prepara-os para o universo acadêmico também.

Sobre a questão dos plágios nas *fanfictions*, a grande discussão gira em torno dos direitos sobre a propriedade intelectual do autor, abordado por Jenkins (2009). Isso significa que pode ser avaliado como plágio não apenas o copiar uma parte da obra sem citá-la, há outras formas de plagiar e uma delas é apoderar-se das ideias e dos personagens de um autor para construir uma outra história. No entanto, tendo em vista a era digital na qual nos encontramos, as *fanfictions* não são vistas como plágios, se não são usadas para fins lucrativos e desde que haja a indicação sobre a que obra(s) se refere(m). Também é preciso examinar esse papel que os autores vêm tomando na sociedade pós-moderna, já que como nos apresenta Festino (2015), “hoje o acesso às novas tecnologias faz, como já temos apontado, com que a agência do leitor seja ainda mais marcante, a ponto de a autoria da narrativa ser não só compartilhada, mas multiplicada pelo número de leitores *em rede*” (2015, p. 98).

Ainda com relação aos direitos autorais, ao apontar esse tema para os monitores, Lana contou que quando foi proposto que eles desenvolvessem uma atividade sobre as *fanfics*, ela imediatamente pensou em tratar disso a partir do seguinte relato, exposto em sequência:

Foram 3 amigas minhas que sofreram plágio, as histórias delas eram muito boas sabe, uma escrita praticamente impecável. Algumas pessoas publicaram em outros sites e não fizeram questão nem mesmo de mudar o nome, se não me engano uma dessas histórias foi plagiada num site estrangeiro, como sempre nos comunicávamos por meio de grupos e comunidades, algumas leitoras descobriram e nos contataram. Após essa fase vem a parte mais chata que é conseguir o maior número de denúncias e entrar em contato com o site para bloquear a pessoa que plagiou e retirar a história do ar... Enfim isso cansa, e pelo fato dessas histórias terem ganhado um público imenso, mas com o nome de outra pessoa, desanima muito o escritor que gastou muito tempo idealizando tudo. (excerto 3)

Dessa forma, percebemos como esse tópico é importante e se encontra alinhado às perspectivas da professora pesquisadora e aos monitores envolvidos, já que até mesmo nas comunidades de *fanfics* é possível encontrar pessoas que se dedicam a

divulgar o trabalho elaborado por outro sem dar-lhes os devidos créditos. Ainda há muito mais a se discutir sobre essa questão, já que a própria lei de direitos autorais não leva em conta essas produções e nem o papel que as questões autorais vêm tomando em um ambiente em rede.

4.2. Uma nova forma de avaliar e dar *feedback*

No início deste artigo, comentamos que a sociedade pós-tipográfica “distribui e compartilha saberes dentro de uma lógica muito mais colaborativa e pública, partindo da experiência na ausência de modelos padronizados e previamente estabelecidos” (DUBOC, 2014, p. 23). Como as maneiras de aprender, conhecer e agir em sociedade mudaram, as formas de avaliação também devem ser modificadas para acompanhar essa transformação. No entanto, ainda há escolas brasileiras que adotam critérios de avaliação a partir de uma lógica da sociedade tipográfica, na qual o conhecimento é “centralizado, concentrado, individual, da esfera privada e se baseia em normas pré-estabelecidas” (DUBOC, 2014, p. 23). Nesta lógica, realizar um trabalho com as *fanfics* também requer uma mudança na maneira de avaliar, levando-se em conta todo o processo que a envolve e não apenas a atividade final, como geralmente é concebido pelas escolas.

Dessa forma, a partir de agora nos encarregamos de propor alguns passos que podem ser utilizados para esse trabalho em sala, até chegar ao momento do *feedback* da produção. Primeiramente, vale ressaltar que propor atividades com as *fanfics* é atentar para o contato inicial com as narrativas originais. Ao atentar para a heterogeneidade de uma sala de aula, o ideal seria que os alunos escolhessem as obras com as quais queiram trabalhar, valorizando seus gostos por livros, telenovelas e canções, por exemplo, e suas aptidões, já que há alunos que entendem de música muito mais do que de literatura, por exemplo. A partir dessas escolhas é possível propor uma discussão entre os estudantes sobre as obras escolhidas, usando, inclusive, o ambiente virtual para mediá-la, o que permite a inserção de outras pessoas que não pertencem ao grupo, transformando esse processo em uma atividade voltada não apenas para a escola. Mesmo sabendo que, como nos aponta Jenkins, (2009, p. 258) “[...] arrastar essas atividades para a escola tende a enfraquecê-las, pois a cultura escolar gera uma mentalidade diferente daquela que temos em nossa vida recreativa”, acreditamos que seja possível propiciar aos alunos um aprendizado mais significativo e, ao mesmo tempo, divertido.

A questão da produção envolve a escolha dos alunos sobre o que será criado.

Nesse momento é preciso perceber que criar uma *fanfiction* não os obriga a escrever capítulos ou até mesmo um novo livro. O objetivo é expandir o processo de criação e permitir que eles elaborem canções, videoclipes, pôsteres, histórias em quadrinhos, *oneshot*¹¹, enfim, usem a multimodalidade a partir da criação de outros gêneros. Esse tipo de atividade promove a integração de todos e permite que os alunos criem o gênero com o qual têm mais familiaridade, além de incentivar uma autoria colaborativa, utilizando, se possível, ferramentas digitais que permitam essa criação à distância. Inclusive, em um diálogo com a monitora Lana, um dos sites que ela destaca é o *Fanfic Obsession*¹², onde é possível postar *fanfics* interativas, permitindo que leitores e escritores dialoguem.

Quando chega o momento de pensar na revisão do material criado, analisando a sociedade pós-tipográfica, o objetivo é fazer isso de forma distributiva e compartilhada. Dessa maneira, o papel do professor muda totalmente, já que o processo de revisão e, inclusive, de avaliação, poderá ser feito pelos próprios alunos; e, talvez, por outras pessoas também. Os critérios para a revisão devem ser elaborados por eles próprios, já que estão envolvidos nesse processo de criação e sabem, melhor do que ninguém, o que realmente deve ser avaliado. Sendo assim, o foco principal na revisão não é se o texto foi escrito com uma perfeita ortografia e uma sintaxe excelente. Contemplam-se como estratégias de escrita, estilística, enredo, imagens e outros elementos que fazem parte da *fanfiction* criada.

Para entender esse tipo de revisão é importante pensar nas comunidades de fãs que se dedicam a fazer tais revisões, exibindo “passos realistas para o desenvolvimento do aprendiz, em vez de mostrar textos profissionais, muito distantes de qualquer coisa que os alunos serão capazes de produzir” (JENKINS, 2009, p. 254). Isso significa que o objetivo não é que os estudantes produzam textos tão bons ou melhores que os originais, mas que consigam se desenvolver naquele processo, aprendendo, inclusive, a receber críticas que os façam compreender onde e por que precisam melhorar. “Por meio das discussões on-line sobre redação de fãs, os escritores adolescentes desenvolvem um vocabulário para conversar sobre estratégias de escrita e aprendizagem, a fim de aprimorar o próprio trabalho” (JENKINS, p. 256). E essas discussões podem também fazer parte da sala de aula, desde que não se centre no professor e nem somente em aspectos gramaticais. No entanto, esses aspectos também são observados ao revisar uma

¹¹ *Fanfic* que possui apenas um capítulo.

¹² <http://fanficobsession.com.br/>

fanfic (trabalho realizado pelos leitores beta), que se organizam para elaborar manuais gramaticais¹³ a partir de temas como “homônimos”, “parônimos”, “semântica”, “ortografia” etc.

Como é possível perceber, o processo de revisão descrito inclui valorizar o que foi produzido, sem se dedicar apenas a apontar os erros cometidos. Destacamos esse ponto como o principal, tanto na revisão quanto no *feedback*, pois na maioria dos casos, ao realizar um trabalho escolar, os professores se dedicam a apontar apenas os erros, desmotivando a produção do aluno e, conseqüentemente, desmotivando-o à escrita.

Por fim, temos o trabalho de circulação das obras produzidas, que não devem se restringir somente ao espaço escolar. De acordo com a sociedade digital na qual estamos inseridos, existem diversos websites¹⁴ que se destinam à divulgação de material produzido sem fins lucrativos e os professores devem aproveitar esse espaço para incentivar a divulgação das produções dos alunos, para possibilitar que um maior número de pessoas tenha acesso ao que os estudantes produzem. Isso evita que eles se sintam desestimulados, como mostra o relato descrito por Jenkins (2009, p. 257): “Não surpreende que alguém que tenha acabado de publicar seu primeiro romance on-line e de receber dezenas de cartas com comentários ache decepcionante voltar à sala de aula, onde seu trabalho será lido apenas pelo professor e o feedback pode ser muito limitado”. Além da circulação em ambiente digital, também é possível fazê-la na própria comunidade em que os alunos estão inseridos, promovendo, até mesmo, a encenação dessas narrativas por meio da montagem de uma peça de teatro ou pequenos esquetes. O importante é promover a divulgação dos trabalhos elaborados, pondo fim à prática comum que é realizada na escola em que as produções são feitas “na escola para a própria escola” (GERALDI, 1986, p. 24).

Para concluir sobre o tema das avaliações, destacamos algumas habilidades e estratégias propostas por Duboc (2014, p. 38), a partir de contribuições de Burke (2009) e Kalantzis *et al* (2003), cujos comentários são relativos ao trabalho com as *fanfictions*, a serem contemplados na hora de avaliar:

¹³ Algumas aulas elaboradas pelos leitores beta podem ser consultadas em <https://socialspirit.com.br/fanfics/aulas>

¹⁴ <https://www.fanfiction.net/> (em diversas línguas), <http://edwigeshomepage.20m.com/ficcomedia.html> (*fanfictions* de Harry Potter), <http://fanfic.potterish.com/index-old.php> (em português), <https://fanfiction.com.br/> (em português), <http://www.wattpad.com/discover/fanfiction> (diversas línguas), <https://socialspirit.com.br/fanfics/> (em português), <http://www.quotev.com/stories/c/Fan-Fiction> (em inglês) e <http://www.fanfic.es/> (em espanhol).

-“a habilidade do aluno em distribuir conhecimento via diferentes mídias” (DUBOC, 2014, p. 38): usar ferramentas como fóruns de discussão e websites de compartilhamento de *fanfictions* mostram que os alunos sabem distribuir esse conhecimento. Além disso, a produção de outros gêneros, que não seja o das obras originais, permite ver como eles conseguem transitar por diferentes mídias;

- “a habilidade do aluno em desempenhar tarefas multimodais” (DUBOC, 2014, p. 38): falar e se expressar está imbuído de multimodalidade, de acordo com Kress (2000). A maneira como nos olhamos, as expressões faciais, o ritmo e o tom da voz, tudo isso é multimodal. Dessa forma, trabalhar com a elaboração das *fanfictions* já é trabalhar com a multimodalidade, pois exige que os alunos entendam todos esses elementos ao interpretar o texto original e transpor essas questões na hora de construir suas próprias narrativas;

- “a habilidade do aluno em criar novas formas de comunicação” e “a habilidade do aluno em manipular, criar e remixar textos de diferentes mídias” (DUBOC, 2014, p. 38): propor um trabalho com as *fanfictions* é fornecer exatamente o que foi descrito anteriormente;

- “a habilidade do aluno em trabalhar de forma colaborativa” (DUBOC, 2014, p. 38): possibilitar que esse trabalho ocorra tanto na elaboração quanto no processo de revisão e avaliação das *fanfictions*;

- “a habilidade do aluno em planejar e concluir projetos” (DUBOC, 2014, p. 38): avaliar todo o processo de elaboração das *fanfictions*, que vai desde o contato com as obras originais até a circulação do material produzido.

4.3. O trabalho com língua materna e/ou estrangeiras

Ao observar o ensino da língua estrangeira (LE), no capítulo dedicado às LE's, as OCEM (BRASIL, 2006) destacam a heterogeneidade da língua e defendem que é essa heterogeneidade que deve ser levada à sala de aula, abarcando a diversidade linguística e cultural de uma língua.

Quando falamos de ensino, “infelizmente, na tradição de ensino de línguas, a gramática tem sido utilizada como algo que precede o uso prático da linguagem” (BRASIL, 2006, p. 107) e a cultura tende a ser apresentada como “cultura padrão, contendo 'o melhor' dos valores, das crenças e da expressão de um povo, sendo esse povo visto como homogêneo e igual, sem variações ou diferenças”. (grifo dos autores) (BRASIL, 2006, pp. 107-108)

Além disso, tendo em vista algumas questões levantadas por Duboc sobre o ensino de línguas e uma formação mais ampla, é necessária a

[...] inserção de atividades que visem à formação de alunos sensíveis à diversidade linguístico-cultural e conscientes da heterogeneidade nos usos da linguagem, num exercício que ensina aspectos linguísticos e ainda amplia a perspectiva do aluno sobre questões como sociedade, cultura, linguagem, cidadania, identidade, raça, gênero. A meu ver, tal exercício de expansão de perspectivas (MONTE MÓR, 2008, 2010, 2011) possibilitaria a formação de cidadãos críticos e éticos, portanto, propensos a melhor lidar com a diferença e a complexidade das sociedades pós-modernas. (DUBOC, 2014, p. 26)

Ao propor um trabalho com as *fanfictions*, é importante lembrar que a sistematização da língua também se faz presente. O mundo das *fanfics* permite que as pessoas estejam em contato direto com obras em português (língua materna) e em línguas estrangeiras. Mesmo que os estudantes não sejam proficientes em língua inglesa, por exemplo, o contato que têm com palavras, expressões do inglês e, até mesmo, produções é enorme, e o docente deve aproveitar isso. Um estudo da língua a partir dessas produções possibilitaria aos alunos o contato prático da linguagem, como defende as OCEM no trecho anteriormente citado.

Para questionar os monitores da disciplina sobre o uso das *fanfictions* em sala de aula, com o objetivo de verificar se eles conseguiam ver aplicações didático-pedagógicas que as envolvessem, nos concentramos em três perguntas-chave:

- a) Você já tinha imaginado alguma vez a possibilidade de um trabalho didático em sala de aula com as *fanfics*?
- b) O que acha da ideia de trabalhar *fanfics* para as aulas de língua inglesa?
- c) Você acha que seria possível trabalhar com *fanfics* na aula de língua portuguesa?

Para a pergunta da letra *a*, apenas Lana já havia imaginado esse trabalho, de acordo com sua resposta: “Sim, pois com as *fanfics* é possível integrar diversos fatores para u

ma finalidade: o conhecimento”. (Excerto 4). Na Letra *b*, Lana, Ray e Pedro deram as seguintes respostas, respectivamente:

Os pontos positivos são que: Facilita o conhecimento da língua; Inclui o aprendizado nas histórias mais atuais (sagas). O ponto negativo é que não conheço sites de *fanfics* inglesas, sendo assim muito difícil adaptar histórias em português para o inglês, por conta de suas especificidades. (excerto 5)

Qualquer gênero textual pode trazer novos conhecimentos. Um possível ponto negativo seria que nem todos os alunos se sentiriam interessados nesse tipo de texto. (excerto 6)

Apesar de não ser um fã de fanfics, reconheço o potencial didático deste material. A partir da criação/edição de fanfics, o estudante de língua inglesa pode desenvolver suas habilidades de leitura e escrita em inglês, enquanto produz um texto de seu agrado. (excerto 7)

Na letra *c* os monitores avaliam esse trabalho com a língua portuguesa positivamente e Pedro, inclusive, destaca o seguinte:

Vejo o trabalho com fanfics em língua portuguesa muito mais claro do que em inglês, sinceramente. Talvez seja pela possível maior probabilidade de produção de fanfics abordando temas nacionais. (excerto 8)

O trabalho com a língua (materna e/ou estrangeira) também pode acontecer a partir de uma perspectiva mais crítica, com uma análise das representações dos personagens, de acordo com a forma como falam e a sua relação com a realidade, por exemplo. Além disso, atividades que envolvem questões linguísticas podem contemplar o léxico, as construções gramaticais e expressões idiomáticas específicos do lugar de produção da obra, bem como incentivar o contato com produções de países menos conhecidos, mas que também falam a língua estudada.

O trabalho com a cultura não é diferente, já que o objetivo é mostrar que não existe uma cultura única e homogênea, inclusive fazendo os alunos ampliarem seu conceito sobre esse tema, levando em conta, por exemplo, a cultura jovem de determinados países, ou a própria cultura dos criadores das *fanfictions*, já que concebemos que

trabalhar língua-cultura na sala de aula de LE não significa apenas ler textos sobre bailes típicos, festas e comida que ficam relegados às últimas páginas de cada unidade didática dos livros de língua, como se fossem as ‘pérolas do dia’ ou até ‘as esquisitices’ do falante nativo, que servem para saciar a curiosidade do aluno. Trabalhar língua-cultura na sala de aula é a oportunidade do professor de propiciar ao aluno uma aprendizagem que não fica apenas nos livros didáticos, mas que possa oferecer ao aprendiz um ensino que amplie sua visão de aprendizagem (Reis, 2013, p. 45).

Tudo isso pode ser aproveitado na própria produção das *fanfictions*, incentivando os alunos a escreverem em outra língua e a pesquisarem sobre a cultura relativa à determinada comunidade, discorrendo sobre estruturas linguísticas e lexicais,

além de outros aspectos como, por exemplo, os sons que compõem o *rap* e que fazem alusão a determinados ruídos, caracterizando uma figura de linguagem, a onomatopeia, e ao mesmo tempo fazendo uso da multimodalidade.

Um último aspecto que também pode ser abordado envolve um trabalho interdisciplinar entre língua materna e línguas estrangeiras, examinando o processo tradutório de uma obra. O objetivo é permitir que os alunos percebam que o processo de tradução exige um trabalho cuidadoso do tradutor e que traduções literais como as que são feitas pelo Google Tradutor não dão credibilidade à obra. A partir de comparações entre pequenos trechos em português e na língua de origem da narrativa ou até mesmo a partir dos títulos de cada uma, é possível realizar uma reflexão sobre o tema, uma vez que ao escolher a tradução de um título, mais do que a semelhança com o original, examinando aspectos culturais, comerciais, etc. Esses pontos podem ser observados, inclusive, a partir de estudos sobre a tradução da coleção Harry Potter para o português do Brasil, que está composta de particularidades para agradar o leitor brasileiro.

O processo de tradução também pode ser analisado na escrita das *fanfictions*. Sabemos que na realidade de nossas escolas regulares pode ser difícil para um aluno escrever textos maiores em outra língua. No entanto, em um trabalho conjunto com os professores de línguas materna e estrangeiras, o estudante tem a oportunidade de treinar a escrita de alguns trechos a partir de uma versão em português para, posteriormente, traduzi-los. Nesse momento, espera-se que o professor trabalhe algumas técnicas de tradução, mas sem fazê-los achar que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve somente isso. Muito pelo contrário, esse trabalho visa conscientizá-los sobre esse processo e fazê-los perceber que não basta usar o Google Tradutor.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho aqui relatado pode cumprir o papel não reducionista da língua e da cultura e fazer os alunos refletirem sobre o papel da linguagem em nossas vidas, já que é a partir dos gêneros que nossos discursos se dão. Saber interpretá-los é saber agir mais criticamente no mundo em que vivemos.

5. A atividade elaborada pelos monitores

No início de outubro, a partir de uma reunião realizada pela professora orientadora da disciplina de língua inglesa, os monitores receberam como tarefa elaborar uma atividade que envolvesse as *fanfictions*. Nesse momento, eles decidiram elaborar um *Workshop*, destinado a 40 participantes, envolvendo, em sua grande maioria, alunos do instituto, mas possibilitando a participação de professores e

servidores.

Desde então a professora pesquisadora estabeleceu um constante contato com os monitores da disciplina por trocas individuais de e-mail. As conversas fluíram naturalmente e possibilitaram que tanto ela quanto eles pudessem se conhecer. Aos poucos os monitores foram contando sobre seus gostos e preferências e responderam a um questionário voltado para o tema da pesquisa. Um dos pontos que Lana e Ray destacaram como surpreendente foi o fato de haver no ambiente acadêmico pessoas que se dedicam a pesquisar sobre as *fanfictions*. Acreditamos que essa surpresa ocorreu por muitos não interpretarem essas comunidades como úteis. Jenkins (2010, p. 14), nos mostra que se trata de “um grupo social que luta por definir sua própria cultura e construir sua própria comunidade no contexto da era pós-moderna: retrata um grupo que insiste em dar sentido a materiais que outros classificaram de triviais e inúteis¹⁵”. Dessa forma, esperamos que ao propor um trabalho com esse tema, seja possível que as comunidades de *fanfictions* comecem a fazer parte do ambiente escolar.

Além do diálogo que se estabeleceu nesse grupo, os monitores elaboraram a atividade de aplicação para o *Workshop*. A partir de um *power point* bastante ilustrativo e com efeitos, eles começaram a atividade a partir de uma apresentação inicial sobre as *fanfictions*; da exposição de comunidades que se dedicam a publicar tais produções; da explicação sobre as categorias e as interações que podem ocorrer nesse meio; do reconhecimento de obras originais, a partir de exemplos de capas de *fanfics*; explicitação sobre seu propósito; dos relatos, por meio de vídeos, de autores e da discussão sobre os critérios utilizados para correção dos textos.

A parte prática do evento teve como objetivo levar os participantes a terem contato com algumas produções e permitir que, dentro de critérios de revisão estabelecidos por esse público, fosse possível dar um *feedback* para os escritores desses textos. Isso significa que ao fazer um recorte da parte prática, por questões de tempo, já que foram apenas 1h30 de duração, os monitores optaram justamente por trabalhar um tópico que na maioria das vezes é tarefa apenas do docente: a avaliação do texto e o seu retorno. Para um próximo *Workshop*, uma vez que os estudantes já sinalizaram que pretendem seguir com esse trabalho, eles têm como intuito abordar a produção de sinopses e *oneshots* das *fanfictions*.

¹⁵ Tradução nossa. Trecho original: un grupo social que lucha por definir su propia cultura y construir su propia comunidad en el contexto de lo que muchos observadores han descrito como una era posmoderna; retrata a un grupo que insiste en dar sentido a unos materiales que otros han calificado de triviales e inútiles (p. 14).

6. A agência dos monitores

Todo esse processo de construção do *Workshop*, que envolveu reuniões presenciais com a professora orientadora, conversas por e-mail com a professora pesquisadora e diálogos entre os próprios monitores, permitiu-nos perceber certos movimentos que levaram esses alunos a terem uma postura mais ativa, permitindo, conseqüentemente, que se apropriassem do trabalho realizado, contribuindo, assim, para a sua agência.

A todo instante foi possível perceber que os alunos não se intimidaram por lidar diretamente com uma professora pesquisadora e, inclusive, questionaram determinados pontos, como foi o caso de Pedro, que no início não conseguia enxergar como seria possível usar as *fanfictions* para fins didáticos. A partir das nossas conversas, pudemos aprender alguns termos que ainda não eram de conhecimento da pesquisadora; entender um pouco mais sobre essa comunidade, e sobre como ferramentas como Twitter e Tumblr influenciam na divulgação das produções. Ao mesmo tempo, Lana, Ray e Pedro se mostraram envolvidos no processo de elaboração do *Workshop* e Pedro, principalmente, se dedicou a pesquisar websites e comunidades, para entender mais sobre o mundo das *fanfics*, uma vez que não estava familiarizado com isso. Além disso, eles se incumbiram de elaborar o *PowerPoint* e escolher os conteúdos e a forma de apresentação, tendo a professora pesquisadora e a professora orientadora revisado todo o material e dado algumas sugestões de discussão.

Um dos pontos que nos chamou a atenção durante todo esse processo é o sentimento descrito pelos monitores com relação ao trabalho realizado e ao mundo das *fanfictions*. Em seus depoimentos eles se mostraram realizados, sentiram-se importantes e acreditaram que estavam construindo algo significativo. Vejamos os depoimentos de Lana e Pedro sobre isso, a partir dos excertos 9 e 10, respectivamente:

Estou me sentindo completa e realizada. A parte que estou achando mais interessante é a de passar meu conhecimento para terceiros.

Para mim as fanfics têm o significado de mostrar que se você quer, você irá conseguir. Seja um final melhor para os seus personagens favoritos ou até mesmo um mundo novo para eles. Os sentimentos que me definem quando estou nesse mundo são de: esperança, alegria, companheirismo... São vários, mas para simplificar me sinto completa, como se ainda fosse uma criança e o “Felizes para sempre” fosse uma alternativa mais do que válida. (excerto 9)

Estou feliz por poder contribuir para o desenvolvimento de um trabalho que conta com um apoio como o que temos, além de ter mérito por realizar mais um trabalho envolvendo o estudo da língua inglesa. A melhor parte, em minha opinião, é

reconhecer a diversidade cultural que existe em nosso meio, perceber o quanto é importante para certas pessoas e identificar como uma diferente maneira de pensar a criação pode contribuir para todos os outros métodos e ramos do conhecimento. Sinceramente, as fanfics não me tocam profundamente. É claro, há produções inspiradoras, que se encaixam em meu perfil, às vezes até me inspirando a compor uma fanfic; mas o sentimento é passageiro. Não é o meu universo principal. Mas me sinto realizado quando vejo pessoas que são da área (ou estão iniciando) felizes por estarem fazendo algo que gostam. Então vejo que minha ajuda não é em vão. (excerto 10)

Como destaca Pedro, um dos pontos que podem ser ressaltados com esse processo de elaboração do Workshop é a: “troca de conhecimentos entre monitores, orientadora e professora pesquisadora, visando a construção e o incremento de conhecimento já existente”. (excerto 11)

Considerações finais

A partir da teoria apresentada neste artigo e do trabalho construído com os monitores, acreditamos que as atividades desenvolvidas vão ao encontro do que propõe a sociedade pós-tipográfica, pois não só as *fanfics*, mas a própria relação que se estabeleceu entre eles e professora pesquisadora foi colaborativa e compartilhada.

Também é possível perceber que essa relação estabelecida propiciou a criação de uma comunidade de prática, que possibilitou a troca de saberes e a colaboração dos mais experientes, como a monitora Lana, que auxiliou o monitor Pedro a entender e pesquisar mais sobre as *fanfictions*. Mas, ao mesmo tempo, pôde-se contar com a ajuda do próprio Pedro, que era o mais novato nesse meio e que, ainda assim, não se sentiu intimidado e deu suas contribuições. Tudo isso em prol de fazer circular informações sobre o mundo das *fanfictions* entre os participantes do *Workshop*.

Dessa forma, acreditamos que houve um engajamento por parte dos monitores na tarefa estabelecida. Percebemos que a maneira como eles se envolveram nessa atividade, e que foi relatada neste texto, contribuiu para a agência desses estudantes, uma vez que eles tomaram a iniciativa de escolherem os pontos que seriam discutidos e aplicados no *Workshop*, conduzindo, perfeitamente, o trabalho.

Para um próximo artigo, pretendemos relatar o trabalho realizado pelos monitores, apontando como foi a sua receptividade na escola e com os alunos. Além de mostrar o produto que obtivemos com tal atividade.

Referências

- ALMEIDA, P. R. A.; ULBRICHT, V. R. Linguagem, Interatividade e Comunidades de Prática. 7º CONAHPA, 2015. Disponível em <http://conahpa.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/06/ID252_Almeida-Ulbricht.pdf> Acesso 16 out. 2015.
- ALVES, E. C. A. *Fanfiction e práticas de letramento na internet*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2014.
- ALVES, E. C. A. Um estudo sobre *fanfiction*: a leitura e a escrita em ambiente digital. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 5, n. 1 (10 ed.), 2014, pp. 38-47. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1387/1011>>. Acesso 4 out 2015.
- AMORIN, E. C. *Leitora e leituras de Harry Potter: A recepção da série no meio virtual*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ecamorin.pdf>> Acesso em: 29 jun. 2015.
- AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. Fanfics, Google Docs...a produção textual colaborativa. In: ROJO, R. (Org.) *Escol@ Conectada – os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, volume 1, 2006.
- CASSANY, D.; ALLUÉ, C. *Leer literatura en la época de Internet*. Revista de los CAP. Navarra, 2010.
- DUBOC, A. P. M. Ensino e avaliação de línguas estrangeiras: tendências em curso. In: MULIK, K. B.; RETORTA, M. S. (Orgs). *Avaliação no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: diálogos, pesquisas e reflexões*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, pp. 21-47.

FESTINO, C. G. Os avanços tecnológicos: o fim da literatura? In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Orgs). *Letramentos em terra de Paulo Freire*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, pp. 89-100.

GERALDI, J. W. Prática de Produção de textos na escola. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 7, p. 23-29, 1986.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. *Piratas de textos: fans, cultura participativa y televisión*. 1. ed. Madrid: Paidós, 2010.

MONTE MÓR, W. The development of agency in a new literacies proposal for teacher education in Brazil. In: JUNQUEIRA, S. E.; BUZATO, M. El K. (Orgs.). *New literacies, new agencies? A Brazilian perspective on mindsets, digital practices and tools for social action in and out of school*. Nova York: Peter Lang Publishers, 2013.

REIS, I. *Itália e italianos por olhares brasileiros: reflexões sobre crenças no ensino de italiano como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas, UNICAMP, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000913797&fd=y>>. Acesso em: 13 mai. 2015.

VARGAS, M. L. B. *O fenômeno fanfiction* [recurso eletrônico] – novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: a brief introduction*. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>> Acesso em: 6 nov. 2015.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998. (Cap. 2)